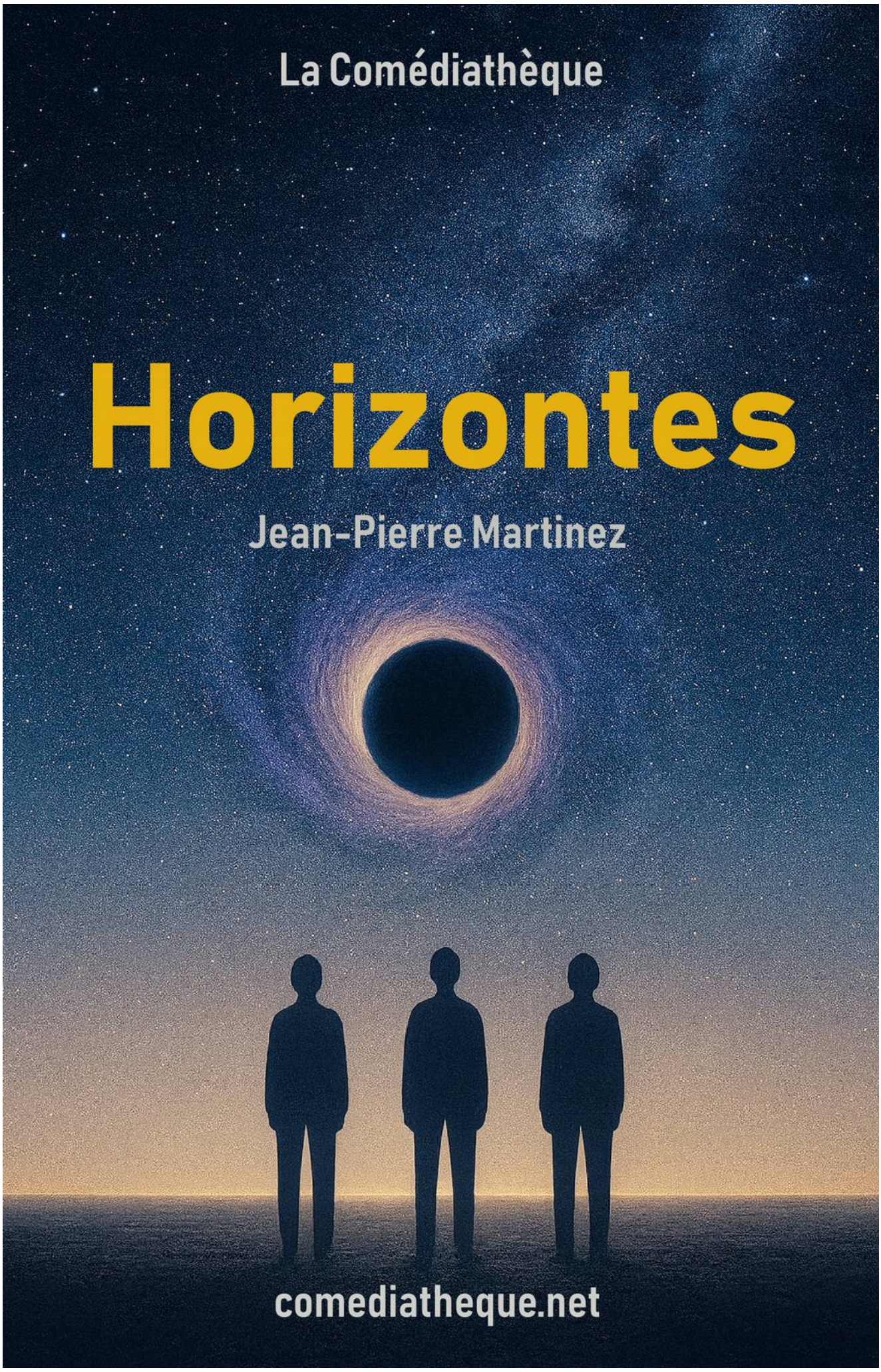
La Comédiathèque
Horizontes
Jean-Pierre Martinez
comediatheque.net

Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: https://comediatheque.net

Horizontes

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Numa terra de ninguém com aparência de purgatório, três personagens que perderam a memória contemplam o horizonte em busca de respostas para as suas perguntas existenciais. Mas de que horizonte se trata exactamente...? Uma tragicomédia em forma de reflexão científica e filosófica sobre o ciclo eterno da vida e da morte.

Personagens
Ben
Dom
Max

As personagens são de sexo indiferente.
As possíveis distribuições são: 3H, 3M, 2H/1M, 1H/2M.

© La Comédiathèque

Cena 1

Três personagens de sexo indiferente (nesta versão, três homens) estão de pé diante do público, num palco vazio, sob uma luz irreal. Chamá-los-emos Max, Dom e Ben. Dom, ao centro, tem as mãos e os pés atados. As três personagens olham fixamente para o fundo da sala, como se contemplassem o horizonte.

Max – Vêem alguma coisa?

Dom – Não.

Ben – Não se vê absolutamente nada.

Dom – Bem, sim... vê-se o horizonte.

Max – Sim. Mas por detrás do horizonte...

Dom – Por detrás do horizonte não se vê nada. É essa a definição de horizonte, não é?

Ben – Tudo o que está para além do horizonte não se vê. É isso mesmo.

Max – É por causa da curvatura da Terra.

Ben – É a prova de que a Terra é redonda, e não plana.

Dom – Quem é que disse que a Terra era plana?

Ben – Não sei...

Max – Dizem-se tantas idiotices.

Ben – E há sempre algum idiota que acredita nelas.

Dom – E entre eles, um idiota um pouco menos idiota do que os outros, que transforma essas idiotices em religião e se autoproclama rei dos idiotas, por direito divino.

Ben – Não sei se a inteligência artificial tem limites, mas a estupidez natural não tem nenhum.

Max – Sim... Se a estupidez produzisse eletricidade, já há muito tempo teríamos acabado com as energias fósseis.

Ben – Teríamos resolvido o problema das alterações climáticas, e não estaríamos onde estamos...

Silêncio.

Ben – Mas se a Terra fosse realmente plana, veríamos até ao infinito?

Max – Em teoria, sim. Com bom tempo...

Dom – Com bom tempo... Há países onde já não se vê o sol, escondido atrás do fumo das fábricas.

Max – Em todo o caso, só veríamos os objetos cuja luz nos pudesse alcançar.

Silêncio.

Dom – Está bem. Mas a Terra é redonda, certo?

Ben – Sim. Pelo que se sabe...

Dom – Então não vemos o que está para além do horizonte.

Max – E os que estão do outro lado também não nos veem...

Dom – O que há para lá do horizonte não nos diz respeito.

Silêncio.

Ben – E se atravessarmos o horizonte... acabamos por passar para o outro lado?

Dom – Pois não...

Ben – Como assim, não?

Max – Porque o horizonte afasta-se à medida que nos aproximamos.

Ben – Ah, claro...

Dom – E o mesmo acontece com os que estão em frente.

Max – Sim. Bem, suponho... Nunca fui ver o que havia do outro lado do horizonte. Pelo menos, que eu me lembre...

Ben – O outro lado do horizonte... É como o além. Não conheço ninguém que tenha voltado para nos contar se realmente é melhor.

Dom – Ou sequer se realmente há algo do outro lado.

Max – O horizonte, em si, não existe. É um efeito ótico. É a fronteira móvel entre o visível e o invisível.

Ben – Então o horizonte move-se connosco.

Max – Como o feixe dos faróis de um carro. Vê-se sempre a uns cem metros, mas se o carro avança, nunca se vê o mesmo.

Dom – Pois... Mas nós estamos cravados aqui, por isso o nosso horizonte não vai mudar muito.

Silêncio.

Ben – E a que distância fica o horizonte?

Max – Depende...

Ben – De quê?

Max – Primeiro, do tamanho do observador. E sobretudo, da altura do ponto de observação. Para uma criança que olha o mar desde a praia, o horizonte está a uns quatro quilómetros. Para um adulto no cimo do Himalaia... ou para os passageiros de um avião que voa a dez mil metros de altitude, pode estar a uns quatrocentos quilómetros.

Silêncio.

Dom – Então, os que estivessem do outro lado do horizonte, nas mesmas condições de observação, veriam o mesmo horizonte que nós?

Max – Sim. Nós seríamos o horizonte deles, e eles seriam o nosso.

Ben – Então somos sempre o horizonte de alguém.

Dom – Se é que há alguém a olhar na nossa direção, claro...

Silêncio.

Max – Está bem. Nós estamos aqui, do mesmo lado do horizonte, mas...

Ben – O que é que estamos aqui a fazer...?

Dom – Não me atrevia a perguntar-vos...

Ben – Não sei. E vocês?

Dom – Eu também não.

Max – Não me lembro.

Ben – Sabemos isso alguma vez e esquecemo-lo, ou...?

Dom – Ou nunca o soubemos?

Ben – Quem sabe...

Dom – Às vezes tenho a sensação de me lembrar vagamente de algo...

Max – Sim, eu também.

Ben – Como quando alguém acorda e tenta lembrar-se do sonho que estava a ter.

Dom – Dá a impressão de continuar a sonhar.

Ben – Só que já não se sabe com o quê.

Max – A sensação de continuar consciente numa realidade que acabou de se dissipar e da qual não guardamos nenhuma recordação.

Ben – É isso. Esquecemos tudo... salvo o facto de termos esquecido algo.

Dom – O contrário da sensação de déjà vu, em resumo.

Max – Ah, sim?

Dom – O déjà vu está diante dos nossos olhos. Só nos perguntamos se não será uma recordação. Quando se esquece um sonho, é o contrário. Sabemos que há algo que gostaríamos de recordar, mas não sabemos o quê.

Max – Sim... É exatamente isso que sinto.

Silêncio.

Dom – Às vezes tenho como que um clarão...

Ben – Um clarão?

Dom – Estava num avião, acho eu.

Max – Um avião, tens a certeza?

Dom – Ou num barco, já não sei.

Ben – Não é a mesma coisa.

Max – Mas ambos são transportes públicos.

Ben – Um barco? Não é exatamente um transporte público, pois não?

Max – Talvez fosse um ferry...

Dom – Não sei porquê, lembro-me de usar cinto de segurança.

Ben – Num barco não se usa cinto de segurança...

Dom – Talvez fosse num comboio.

Max – Usa-se cinto de segurança num comboio?

Dom – Então devia ser num avião. Olhava para o horizonte que se aproximava.

Max – Que se aproximava...?

Dom – Eu sei, é uma parvoíce, mas... Tinha medo que o avião se despenhasse contra a linha do horizonte.

Max – Sim... É completamente absurdo.

Ben – Talvez fosse um sonho.

Dom – Mais uma pesadela, não?

Ben – Ou talvez seja agora que estamos a sonhar.

Max – Os sonhos têm sempre um sentido oculto.

Ben – Despenhar-se de avião contra a linha do horizonte... O que poderá isso significar?

Dom – Não sei, era como se...

Max – Como se, empurrado pelo nosso passado, o nosso presente fosse despenhar-se contra um futuro que já não se afastaria à medida que nos aproximássemos.

Dom – Pois...

Silêncio.

Ben – Mas nós... estávamos lá?

Dom – Não sei...

Ben – Um avião... Não me lembro.

Max – Eu também não...

Silêncio. Voltam a olhar para o horizonte.

Ben – E se isso fosse a morte?

Max – Ou os primeiros momentos da vida...

Dom – Ter consciência de existir sem saber quem se é, num mundo que não tem sentido nenhum.

Max – Há que acreditar que a existência precede realmente a essência...

Dom – E que mesmo quando já não temos essência, ainda temos existência.

Ben – Sim... Sinto-me... como num carro velho, sem gasolina, no meio da noite, em pleno deserto, a olhar para o horizonte com os faróis acesos, tentando distinguir ao longe um tipo que viria com um bidão em cada mão.

Dom – À espera que a bateria acabe por descarregar e os faróis se apaguem para sempre, antes da chegada do Salvador.

Silêncio.

Max – Mas nós...? Os três, conhecemo-nos ou quê...?

Ben – Não me parece... Ou sim?

Dom – Tenho uma vaga sensação de déjà vu, mas...

Max – A tua cara não me diz nada.

Ben – A mim também não.

Max – Para dizer a verdade... nem a minha própria cara me diz grande coisa...

Ben – Mas como te chamas?

Max – Não sei... Não me chamo. Para quê? Estou sempre aqui...

Dom – Bem... Mas os outros, como é que te chamam?

Max – Os outros? Que outros? Só vos conheço a vocês. E mesmo assim, não tenho a certeza de vos conhecer. Como é que vos chamam a vocês?

Ben – Não sei... Nunca ouvi ninguém chamar-me.

Dom – Eu também não. Ou talvez não tenha ouvido. De qualquer modo, nunca respondi...

Max – Está bem. Então também não nos chamamos.

Ben – Porque é que nos havíamos de chamar, se já estamos aqui?

Max – E de qualquer forma, não podemos ir a lado nenhum.

Dom – Sobretudo eu...

Max – Tu?

Dom – Não repararam?

Max – Não.

Dom – Estou atado!

Max – Caramba, é verdade... Está atado...

Ben – Ah, sim, eu... Não tinha reparado.

Dom – E então...?

Max – Então o quê?

Dom – Agora que já nos apresentámos... Podiam desatar-me? Se não se importarem muito...

Max – Sim, sim, claro, vamos... vamos desatar-te...

Max prepara-se para o desatar.

Ben – Espera, não tão depressa...

Dom – Que se passa agora?

Ben – Porque é que te ataram, para começar?

Dom – Porquê? Sei lá...? Sou como vocês, não me lembro de nada...

Ben – Pois, mas...

Dom – Mas o quê?

Ben – É um bocado fácil, não?

Dom – Fácil...?

Max – Se te ataram, foi por alguma razão, não?

Dom – Uma razão...? Que razão?

Ben – Não sei... Não se ata pessoas assim, sem motivo.

Dom – Vá lá, desatem-me!

Max – Pode ser que sejas perigoso...

Dom – Perigoso para quem?

Max – Para os outros...

Ben – Ou seja, para nós...

Dom – Pois... Ou então são vocês os perigosos.

Ben – Nós?

Dom – Pode muito bem terem sido vocês a atar-me.

Ben – E porque faríamos isso?

Dom – Quem sabe... Raptaram-me, para pedir um resgate... ou algo pior.

Max – Sim, é uma possibilidade...

Ben – Mas também é possível que sejas um louco perigoso. Ou até um criminoso reincidente.

Max – Por via das dúvidas, mais vale deixar-te atado por enquanto...

Ben – Tens razão, é mais prudente.

Dom – Estão a brincar?

Ben – Pode ser que mais tarde nos venha alguma coisa à cabeça, e logo veremos.

Dom – Alguma coisa? Como o quê?

Max – Uma recordação, não sei...

Ben – Pode ser que algo ou alguém acabe por aparecer no horizonte...

Max – Embora, por agora, tenhamos de reconhecer que está bastante calmo por esse lado...

Ben – Sim... A calma antes da tempestade, ou então...

Dom – A calma antes da ainda maior calma.

Escuridão.

Cena 2

Luz.

Max – Bolas...! Também acabei de ter um flash...

Dom – Já começamos outra vez...

Ben – E então?

Max – Ia ao volante de um carro...

Dom – De um carro, tens a certeza?

Max – Não...

Ben – Tinhas o cinto de segurança posto?

Max – Não... Não creio...

Dom – Então não devia ser um carro.

Ben – Talvez um avião...

Dom – Ao volante de um avião?

Max – Disse "ao volante", mas... talvez estivesse aos comandos... Sim, isso mesmo, estava aos comandos de um avião...

Dom – E então...?

Max – Tudo corria bem, e de repente... a certa altura, todas as luzes do painel acenderam-se ao mesmo tempo. A árvore de Natal, como dizemos no nosso jargão de piloto...

Ben – A árvore de Natal...?

Max – Quando todos os avisadores luminosos começam a piscar... e já cheira a morto.

Dom – Detesto o Natal. Supostamente celebra um nascimento, ou seja, a vida. A mim evoca-me a morte, e a vocês não?

Max – Nas filosofias orientais, a vida e a morte formam um ciclo sem fim. Só morremos para renascer sob outra forma, mas sempre aqui. Só no pensamento ocidental a morte é uma partida definitiva para um suposto além. E, portanto, um fim absoluto para os que não acreditam no paraíso...

Dom – Por isso é que o Natal cheira a morte... Mesmo o menino divino já é um cadáver em potência.

Ben – Bem, estavas aos comandos de um avião... E depois?

Max – Nada... Não me lembro de mais nada...

Ben – Se eras tu o piloto, talvez tenha sido por tua culpa que nos despenhámos...

Dom – Porque vocês também estavam nesse avião?

Ben – Não me lembro. Pelo menos, por agora...

Max – Acham que podemos ter-nos despenhado?

Ben – Explicaria muita coisa...

Dom – Achas...?

Max – Explicaria o facto de estarmos mortos.

Ben – Acham que estamos mortos?

Max – Enquanto nos perguntarmos se estamos mortos, significa que ainda não estamos, não é?

Silêncio.

Ben – Não ouvem um ruído...?

Dom – Um ruído?

Ben – Como o som de uma fonte.

Max – Isso mesmo. Como o som relaxante da água de uma fonte no campo.

Ben – Ou o som do oxigénio num hospital, quando passa sob pressão pelo sistema de humidificação antes de ser inalado.

Max – Sim... Também...

Ben – É verdade que soa um pouco igual.

Dom – Então estaríamos no hospital... não?

Max – Em coma...?

Dom – Ou com Alzheimer, em fase terminal...

Ben – Sim, é uma hipótese bastante séria...

Max – Pode ser que te tenham atado para te protegeres de ti próprio.

Dom – De mim próprio?

Ben – Para não caíres, ou então...

Max – Para não tentares fugir...

Ben – Ou para te impedir de atentar contra a tua vida.

Max – Razão de sobra para não te desatarmos...

Dom – Obrigado... Muito amável da vossa parte, preocuparem-se com a minha segurança.

Ben – Sim, mas e nós...? Porque é que nós não estamos atados também?

Max – Talvez não estejamos tão mal como ele.

Dom – Então estaríamos a partilhar o mesmo quarto?

Ben – Três num quarto de hospital é muito, não acham?

Dom – Devíamos ter um seguro de saúde muito fraquinho...

Silêncio.

Ben – Talvez só tenhamos vindo visitá-lo ao hospital.

Max – Sim... Para o acompanhar nos seus últimos momentos.

Ben – Para nos despedirmos dele antes de embarcar na sua última viagem rumo ao além.

Dom (*irónico*) – Obrigadinho, comove-me muito...

Ben – Mas então, porque é que nós também não nos lembramos de nada?

Dom – Isto tudo não faz sentido nenhum.

Max – Não... Nem sequer conseguimos manter-nos de pé.

Silêncio.

Ben – Oxigénio...

Max – Nos aviões também cai uma máscara de oxigénio do teto quando há um problema.

Ben – Sim, pelo menos é o que dizem as hospedeiras. Mas ninguém alguma vez viu uma máscara de oxigénio cair do teto de um avião.

Max – Ou, se alguém viu, já cá não está para o contar...

Dom – Um problema...? Queres dizer, risco de acidente...?

Ben – Isso não explica porque é que nós não tínhamos o cinto de segurança posto...

Max (*para Dom*) – E tu, tens mesmo a certeza de que era um cinto de segurança...?

Dom – Que outra coisa podia ser...?

Max – Não sei... Um cinto de explosivos...?

Dom – Um cinto de explosivos...?

Ben – Isso explicaria o acidente do avião.

Max – E se fosses um terrorista perigoso, isso explicaria porque te ataram.

Dom – Antes ou depois de eu me ter feito explodir...?

Ben – E por que razão alguém se faria explodir num avião, já agora?

Max – Quem sabe...

Dom – Para protestar contra o balanço de carbono catastrófico do transporte aéreo, talvez...

Os outros dois lançam-lhe um olhar horrorizado.

Dom – Era uma brincadeira...

Silêncio.

Max – Disseste há pouco que tinhas medo de que nos fossemos despenhar contra a linha do horizonte.

Dom – Sim... Era uma metáfora, suponho...

Max – E se não fosse uma metáfora?

Ben – O que queres dizer com isso?

Max – Talvez o tenham atado... para que não desaparecesse no horizonte de acontecimentos.

Dom – O horizonte de acontecimentos...?

Max – É um conceito astrofísico bastante fascinante. O horizonte de acontecimentos é a orla de um buraco negro. A fronteira a partir da qual o buraco negro, se alguém se aproxima demasiado, absorve tudo. A matéria de uma estrela inteira, por exemplo, mas também a sua luz.

Dom – E para onde vai essa matéria?

Max – Não se sabe... A única certeza é que quando alguém entra num branco...

Ben – Queres dizer num buraco negro, imagino...

Max – Não foi isso que disse?

Dom – Disseste "branco".

Max – Ah, sim...? Não me lembro...

Ben – Bem... E então?

Max – O que é certo é que tudo o que entra num buraco negro nunca mais volta a sair.

Ben – Pelo menos deste lado do horizonte de acontecimentos.

Max – Sim...

Ben – Talvez se saia pelo outro lado.

Max – Talvez... Se é que há outro lado.

Ben – Tem de haver, não? Se nada se perde e nada se cria, tem de haver algo no outro extremo do túnel.

Dom – Em suma, um buraco negro é um pouco como a morte.

Ben – É verdade que muitas vezes a descrevem como um túnel.

Dom – A gente pergunta-se porquê, já que na realidade ninguém voltou jamais desse suposto túnel para nos descrever a entrada... quanto mais a saída.

Ben – Outra maneira de falar...

Max – Sim... Não sabemos para onde leva esse túnel, nem sequer se existe, mas o que sabemos é que nunca se sai pelo mesmo lado por onde se entra.

Ben – Pode ser que te tenham atado para evitar que fosses sugado por esse túnel.

Max – Ou por esse buraco negro, se preferires.

Dom – O quê...?

Ben – Disseste que estavas num avião, preso ao teu assento com um cinto de segurança...

Max – Para não ser sugado pelo vazio em caso de despressurização do aparelho, talvez.

Dom – Nesse caso, mais vale desatarem-me. Porque, sinceramente... isto não é vida, pois não?

Ben – É melhor que nada.

Dom – Achas? Andamos a repetir sem parar as mesmas frases sem sentido.

Ben – Quase já esquecemos tudo, exceto o facto de que há coisas que devíamos lembrar.

Dom – Prefiro ser engolido pelo vazio de uma vez por todas. E se, no outro extremo do túnel, tudo recomeçar igual, pelo menos não me lembrarei de nada e voltarei a sentir o prazer do espanto.

Ben – Repara, não lhe falta razão... No melhor dos casos, estamos entre a vida e a morte. Não se pode permanecer nesse estado. Mais vale acabar de vez, esperando que depois da morte nos espere outra vida. Que risco há?

Max – Que a vida que nos espera seja ainda pior do que a que estamos prestes a deixar...

Ben – Vamos desatá-lo.

Desatam-no.

Dom – Obrigado.

Ben – E agora?

Dom – O quê?

Ben – Não aconteceu absolutamente nada.

Max – Não. O vazio não te engoliu. Nem a nós também.

Ben – A morte não nos levou.

Dom – E continuamos aqui.

Ben – Ou talvez já estejamos mortos, os três. E já tenhamos passado para o outro lado...

Max – Infelizmente, também é uma hipótese bastante séria...

Ben – Acho que me lembro de qualquer coisa, eu também...

Dom – Ah, sim...?

Max – Não digas isso só para nos animar, pois não...?

Ben – Espera... Não... Fugiu-me da cabeça...

Silêncio.

Dom – Não se vê nada a aproximar-se no horizonte.

Ben – Não. Ninguém com um bidão, nem sequer com uma pequena garrafa de gasolina.

Dom – E para quê é que a queríamos?

Ben – Se nem sequer temos carro.

Max – Se isto é o horizonte de acontecimentos, já nunca virá nada deste lado.

Dom – Nesse caso, vamos aborrecer-nos durante um bom bocado...

Os outros dois olham-no com ar ofendido.

Dom – Não, vá lá, não é por nada, mas engraçados é que vocês não são, de certeza.

Ben – É verdade que nos falta um bocadinho de perspetiva, não?

Dom – Sim, pode-se dizer que o nosso horizonte está completamente bloqueado.

Max – Dizem que, à medida que alguém se aproxima de um buraco negro, o tempo abranda.

Dom – Então já devemos ter caído dentro, porque tenho a impressão de que o tempo parou...

Silêncio.

Max – Sabiam que, a partir de certo limite, o universo afasta-se de nós a tal velocidade que a sua luz nunca nos poderá alcançar?

Dom – Lá vamos nós outra vez...

Ben – Então a maior parte do nosso universo será para sempre inacessível e desconhecida para nós?

Dom – És astrofísico?

Max – Não creio. Devo ter lido isso algures.

Ben – Tens umas leituras um bocado esquisitas...

Max – Neste caso, esse horizonte nunca o poderemos atravessar.

Ben – E os que pudessem estar do outro lado nunca poderão ver-nos também.

Dom – Em suma, é a versão científica do além, portanto.

Max – Sim...

Ben – Mas nada garante que iremos para lá quando morrermos.

Dom – Quem sabe...

Max – Sabiam que uma mesma partícula pode encontrar-se ao mesmo tempo em dois lugares diferentes, consoante quem a observe primeiro?

Ben – Um pouco como a verdade, não...?

Dom – Desculpa?

Max – Já não me lembro quem disse "Verdade a norte dos Pirinéus, mentira a sul".

Dom – O pior das citações é quando já nem te lembras de quem estás a citar.

Ben – A realidade é a mesma para todos, mas conforme quem a observa, pode aparecer aqui como uma verdade e noutro sítio como uma ilusão.

Dom – Estão a começar a dar-me dor de cabeça.

Silêncio.

Max – Porque é que me lembro do que é o horizonte de acontecimentos e não me lembro do meu próprio nome?

Ben – Talvez, ao aproximar-se a morte, só nos lembremos das coisas importantes.

Dom – E achas que o nosso nome não é importante?

Max – O nosso nome... é como um número que nos atribuem ao nascer. Um número da segurança social, ou então...

Ben – O número de um quarto de hotel.

Max – O número do quarto serve sobretudo para que te tragam o pequeno-almoço de manhã.

Ben – É o pequeno-almoço que te obriga a lembrar-te do número do quarto.

Dom – E é esse número que te ajuda a encontrar o quarto à noite para dormir.

Max – Quando alguém parte para sempre, entrega a chave na receção e esquece o número...

Dom – Para se misturar na multidão dos transportes públicos.

Ben – Enquanto procura outro quarto noutro hotel.

Dom – Ou uma nova casa noutro bairro.

Ben – Noutro planeta...

Max – Com um novo número.

Ben – E uns vizinhos que nos recordem quem somos e como nos chamamos.

Max – É verdade, desde o nascimento, são sobretudo os outros que decidem a nossa identidade. O nosso estado civil.

Ben – Um pouco como as partículas de que falavas há pouco. São os que nos observam que definem a nossa forma de existir.

Dom – Os pais, sobretudo. A família.

Ben – São eles que decidem quem somos.

Dom – Como nos chamamos.

Ben – Onde vivemos.

Dom – Que língua vamos falar.

Max – Que religião vamos praticar.

Ben – Para saber quem somos, basta perguntar aos outros.

Dom – Aos que nos conhecem, pelo menos.

Max – E mesmo que tenhamos esquecido quem somos e como nos chamamos, há sempre alguém que não o esqueceu e que no-lo pode dizer.

Ben – Mesmo quando perdemos a memória.

Max – Mesmo quando estamos em coma.

Ben – Mesmo quando já estamos mortos.

Dom – Até ao dia em que todos os que nos conheceram também tiverem morrido.

Max – Sim. Em grande parte não somos mais do que aquilo que os outros decidem que somos.

Ben – E mal sabemos mais sobre nós próprios do que os outros sabem de nós.

Max – Às vezes até menos.

Ben – "Torna-te quem és", pois sim... "Torna-te quem os outros esperam que sejas", antes isso.

Dom – Um bom paroquiano.

Ben – Um bom cidadão.

Max – Um bom soldadinho.

Ben – Quem foi que disse "Eu é um outro"?

Dom – Não me lembro. Mas teria feito melhor em estar calado.

Ben – Em todo o caso, nascemos, morremos...

Max – E depois da nossa morte... voltamos a dissolver-nos na multidão.

Dom – Ao partirmos, não levamos nada, e sobretudo não a recordação de termos sido.

Max – E ao regressar à vida, voltamos a apresentar-nos na receção para que nos atribuam outro número...

Ben – Outro eu...

Escuridão.

Cena 3

Luz.

Max – Que horas serão...?

Ben – Nenhuma ideia...

Dom – E que importa? Tens um comboio para apanhar?

Ben – Um avião, talvez...

Max – Tens razão. Se estamos mortos, já não precisamos de relógio...

Dom – De qualquer forma, não conheço ninguém que tenha pedido para ser enterrado com o relógio.

Silêncio.

Ben – Desta vez lembro-me mesmo...

Dom – Do quê?

Ben – Do meu número de quarto!

Dom – Porra...

Ben – Era o 2108.

Dom – Ah, sim...?

Ben – Vejo-me a chegar ao buffet do hotel do aeroporto para o pequeno-almoço e a dizer com orgulho ao porteiro da entrada: quarto 2108.

Dom – Com orgulho?

Ben – Lembro-me porque nasci a 21 de agosto. Por isso 2108.

Max – Ah, claro...

Dom – Então lembras-te da tua data de nascimento.

Ben – Não, mas lembro-me de que o número do meu quarto era a minha data de nascimento. 2108...

Max – De que ano?

Ben – Bem... o quarto só tinha quatro algarismos.

Dom – Isso não nos diz se estavas nesse avião connosco.

Ben – Parece-me que sim, no entanto.

Dom – Espero que não digas isso só para nos animar...

Ben – Porque, se esse avião realmente se despenhou...

Max – O que te faz pensar que estavas nesse avião?

Ben – Lembro-me do número do meu assento.

Dom – Ah, já vejo que tens boa memória para números...

Ben – Lembro-me porque era o número 666.

Max – Pensava que as companhias aéreas nunca atribuíam o número 666 a nenhum assento.

Ben – Pelos vistos, não é uma regra absoluta. Na verdade, pedi à hospedeira para me mudar de lugar.

Dom – De qualquer maneira, mudar de assento num avião para afastar o azar é um bocado como mudar de espreguiçadeira no Titanic para evitar o naufrágio...

Max – Em todo o caso, esse assento número 666 não te trouxe muita sorte.

Dom – Pode dizer-se que nos deste azar a todos...

Silêncio.

Ben – Já não ouço o oxigénio...

Max – Talvez já não haja oxigénio suficiente para todos.

Ben – Na Terra, queres dizer?

Max – Ou neste hospital...

Dom – Talvez estejamos melhores e já não precisemos dele.

Max – Ou talvez estejamos mortos e já não precisemos dele.

Silêncio.

Ben – Falaste do Himalaia antes...

Max – Ah, sim...?

Ben – Quando falavas da distância que nos separa do horizonte.

Dom – E então?

Ben – Não sei... Também me vem essa imagem. Nós os três, encordados, no teto do mundo.

Dom – O teto do mundo...?

Max – É como chamam ao Himalaia, acho eu.

Ben – Não vos diz nada?

Dom – Não... absolutamente nada.

Ben – A oito mil metros de altitude, o oxigénio é escasso.

Max – E pode mesmo provocar alucinações...

Dom – Então agora estaríamos no cimo do Himalaia...

Max – Isso também explicaria a corda...

Ben – A corda...?

Max – Se estávamos encordados com ele...

Ben – Já percebo... Pode ser que ele tenha caído, e que tenhamos cortado a corda que nos ligava a ele para não sermos arrastados também para o abismo...

Dom – Obrigadinho... uns companheiros exemplares, vocês...

Max – Então seria o único dos três que está realmente morto...?

Ben – A menos que, no fim, nos tenha arrastado consigo na queda...

Silêncio.

Ben – Como é que se sabe que se está morto?

Dom – Não se sabe.

Max – Estar morto é como ser parvo. Não se sabe. São os outros a quem custa mais.

Dom – Tenho a sensação de já ter ouvido essa frase de merda.

Ben – Sim, eu também...

Dom – Esse é o nosso destino. Repetir até ao infinito as mesmas parvoíces que os nossos contemporâneos.

Ben – Ou as que já repetiam os nossos antepassados antes de nós.

Max – Cada um de nós tem a ilusão de ser um indivíduo único, mas qual é, realmente, a nossa parte de individualidade?

Ben – Criticamos a inteligência artificial, mas nem sequer a nossa estupidez natural nos pertence verdadeiramente. Herdámo-la de todos os idiotas que nos precederam e de todos os que nos rodeiam.

Silêncio.

Ben – Então, se estamos mortos, em breve hão de atribuir-nos um novo número de quarto.

Dom – De quarto mortuário, queres dizer?

Ben – Pensava mais numa nova identidade. Uma nova existência...

Dom – Uma página em branco para escrever uma nova história.

Max – A consciência sem as recordações.

Ben – Um computador quântico a quem tivessem apagado todos os dados, para o recondicionar antes de o revender a outra pessoa.

Max – Logo veremos.

Dom – Sim, mas quando?

Ben – Quando tivermos esquecido tudo, imagino. Quando estivermos completamente mortos.

Dom – Completamente mortos... Estamos mortos ou estamos vivos, não é?

Max – Podemos estar uma coisa e outra, alternadamente. Como o gato de Schrödinger.

Ben – Referes-te àqueles gatos que teriam sete vidas?

Max – Falo desse mistério científico e filosófico que se esconde no coração da física quântica: enquanto não se abrir a caixa onde está o gato, ele pode estar tanto morto como vivo.

Dom – Não percebi nada... a não ser que tu também já começaste a repetir-te...

Ben – É o que dizias há pouco. São os outros que definem a nossa identidade. Não somos mais do que as partículas elementares de uma consciência coletiva.

Max – E se um dia já não houver outros...?

Dom – Já não houver outros...?

Ben – Quando o sol tiver absorvido a Terra, dentro de cinco mil milhões de anos, e a Humanidade tiver desaparecido.

Dom – Ou mesmo antes... Quando o Homem tiver conseguido tornar inabitável o único planeta onde pode viver.

Ben – Então não será a morte de um homem nem de mil milhões de homens, será a morte da Humanidade. A morte da consciência coletiva.

Max – E se, como acreditam alguns idiotas, formos os únicos seres inteligentes do universo, será a morte da consciência, pura e simples.

Dom – Como imaginar que essa consciência não voltaria a nascer nalgum lugar, sob outra forma?

Silêncio.

Ben – Já me lembro, agora... Não era um avião, era uma nave espacial.

Max – Eu era o capitão.

Ben – E eu, o teu imediato.

Dom – Éramos apenas três a bordo.

Ben – Os três últimos sobreviventes de uma Humanidade moribunda.

Max – Tínhamos traçado rota para um planeta potencialmente habitável...

Dom – Que acabou por ser um buraco negro.

Ben – Um erro de cálculo do computador de bordo, sem dúvida.

Max – A menos que o tivesse feito de propósito.

Dom – De propósito...?

Max – Uma inteligência artificial que quisesse livrar-se de uma vez por todas do que ainda restava da Humanidade.

Ben – Em todo o caso, quando despertámos da nossa longa hibernação, já era tarde demais para escapar à atração desse buraco negro supermasivo.

Max – Então estaríamos prestes a ser engolidos por esse buraco negro...

Silêncio.

Dom – Mesmo assim, há um mistério...

Ben – Qual?

Dom – Porque é que tinhas o assento número 666 se éramos apenas três a bordo...?

Max – Tens razão... o mistério adensa-se...

Dom – Estaríamos num quarto de hospital prestes a morrer, nas encostas do Himalaia prestes a cair num abismo...

Ben – Numa jangada prestes a afundar-nos... depois de termos tentado a travessia para um mundo melhor.

Max – Num avião prestes a despenhar-se, ou numa nave espacial prestes a ser engolida por um buraco negro?

Ben – É uma coisa ou outra?

Dom – Ou tudo ao mesmo tempo.

Max – Tudo se mistura nas nossas cabeças.

Dom – Como as águas residuais de um lavatório, no redemoinho que as arrasta para o esgoto antes da grande reciclagem.

Ben – Os nossos passados.

Dom – Os nossos presentes.

Max – Os nossos futuros.

Ben – Já não sabemos.

Dom – Não sabemos.

Max – Ainda não sabemos.

Escuridão.

Cena 4

Luz.

Dom – Diria que o horizonte se aproximou ainda mais...

Ben – Quando nos alcançar, passaremos para o outro lado.

Dom – Se é que realmente há outro lado...

Ben – É uma maneira de falar...

Max – Sim... Essas maneiras de falar que nos servem de pensamento pré-fabricado.

Dom – A linguagem é uma janela aberta para o mundo. Mas também é uma grade que nos encerra na única realidade que os nossos sentidos podem perceber, que a nossa mente pode conceber e que a nossa linguagem pode descrever.

Ben – Então seria preciso inventar uma nova língua... não?

Dom – Ou calar-se, o que é ainda mais simples. De onde vem essa necessidade de falar para não dizer nada?

Ben – Os animais limitam-se às necessidades básicas. Tenho fome. Tenho vontade de foder.

Dom – De que serve saber algo, se no fim nunca saberemos tudo?

Max – Mas quando começamos a falar, podemos parar?

Ben – Enquanto falamos, significa que ainda não estamos mortos.

Max – Então continuemos a falar...

Ben – Até ao dia em que as nossas palavras já não tenham sentido nenhum.

Dom – Até ao dia em que tudo o que pudermos dizer não passe de uma citação daquilo que outros já disseram antes de nós.

Max – E tudo o que pudermos fazer não passe de uma comemoração do que outros já fizeram antes de nós.

Ben – Receio que esse dia já tenha chegado.

Dom – Pois bem, eu já não direi mais nada. E também não vos ouvirei. Agora que já não estou atado, vou caminhar em direção a esse horizonte, seja ele qual for...

Ben – Então já não nos tornaremos a ver? Que pena, começava a ganhar afeição por ti...

Dom – A sério?

Ben – Não. Acho que era outra maneira de falar.

Max – Talvez nos voltemos a ver, do outro lado. Mas já teremos esquecido tudo.

Ben – E não nos reconheceremos.

Dom – Todos os laços que nos uniam aos outros terão sido desfeitos.

Max – Teremos de voltar a tecer outros. Para tentar existir de novo. Numa outra Humanidade.

Ben – No melhor dos casos, se algum dia nos voltarmos a encontrar, sentiremos uma estranha sensação de déjà vu...

Dom – Então não vos direi adeus...

Dom prepara-se para avançar até à frente do palco.

Ben – Espera! Eu vou contigo...

Dom não parece muito entusiasmado.

Dom – Tens a certeza...?

Max – Eu também... Não vou ficar aqui sozinho... como um idiota.

Os três pegam nas cordas que antes atavam Dom e colocam-nas, atando-se uns aos outros como alpinistas da mesma cordada.

Dom – Então já está tudo dito.

Ben – É o fim da História.

Max – Desta, pelo menos...

Dom – Caminhemos juntos em direção a esse horizonte radiante.

Ben – Encordados... e de mãos dadas. Para este grande salto no desconhecido.

Dom – Na esperança de que esse horizonte desemboque num mundo novo.

Ben – Num mundo melhor.

Max – A menos que seja o mesmo de antes.

Ben – Que o nosso universo não seja, no fim de contas, mais do que uma velha meia que se vira do avesso eternamente.

Max – A cada volta, o interior torna-se exterior. Mas continua a ser a mesma meia.

Dom – Ao menos teremos esquecido tudo.

Ben – E poderemos voltar a maravilhar-nos por estarmos vivos.

Avançam em direção ao público, olhando ao longe, como se se preparassem para saltar para a plateia. Mas Dom pára, e os outros com ele.

Dom – Vão rir-se, mas desta vez parece-me mesmo que vejo algo a aproximar-se no horizonte.

Ben – Sim, eu também.

Dom – Ou melhor, alguém...

Max – Um velho barbudo com um molho de chaves?

Dom – Um barbudo, sim. Com um bidão de gasolina em cada mão...

Os três olham fixamente para o horizonte.

Ben – Então era isso, afinal? Não era uma metáfora...

Max – Ficámos apeados no meio do nada, e um de nós foi buscar gasolina...

Ben – Parecia-me que no início éramos quatro.

Max – É verdade que no deserto se veem miragens...

Ben – E as insolações também podem fazer delirar...

Dom – Então não será mais do que outra alucinação...?

Max – Em todo o caso, parece que ainda restam alguns acontecimentos no horizonte...

Ben – Então o que fazemos?

Max – Resta-nos a existência.

Dom – Vamos ver o que acontece com um pouco de gasolina.

A luz começa a apagar-se lentamente.

Ben – Ah, acho que a bateria também se esgotou...

Max – Sim... Os faróis estão a apagar-se.

Dom – Que pena, nunca veremos chegar o nosso Salvador.

Max – Ainda assim, mantenhamos a esperança.

Ben – Tens razão... Só a fé salva...

Dom – Outra frase feita...

Ben – Pois é...

Música apropriada (eventualmente música sacra) durante o escurecimento.

Escuridão.

Fim

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comedias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).
É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Um Sonho de Casa

Comédias para 3

Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Rebeldes
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comedias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comedias de sainetes (sketches)

Albano e Eva
Aviso de passagem
Breves de palco
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Dramédias
Ela e Ele
Entre Bastidores
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :
https://comediatheque.net

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Outubro de 2025

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-382-8

Documento para download gratuito